

## Os Impérios do Espírito Santo na Ilha Terceira



Paula Noé

dezembro 2012

## FICHA TÉCNICA

<b>Tipo de documento</b>	Estudo		
<b>Título</b>	Os Impérios do Espírito Santo na Ilha Terceira		
<b>Responsável(is)</b>	<b>Tipo</b>	<b>Nome</b>	<b>Contacto</b>
	Autor	Paula Noé	APNoe@ihru.pt
	Coordenador	João Vieira	JSVieira@ihru.pt
	Editor	IHRU, IP	ihru@ihru.pt
<b>Versão</b>	1.0		
<b>Estado</b>	Provisória		
<b>Data(s) de preparação</b>	2012-01-11 a 2012-12-12		
<b>Data de emissão</b>	dezembro 2012		
<b>Local de emissão</b>	Sacavém		
<b>Público/Destinatário(s)</b>	Público em geral / Estudantes / Gestores de Património Arquitetónico		
<b>Idioma</b>	Português		
<b>Formato</b>	PDF		
<b>Descrição</b>	Estudo sobre os Impérios (pequenos templos) onde, na Ilha Terceira se desenvolvem as festividades do Espírito Santo, estabelecendo-se a sua caracterização tipológica.		
<b>Descritores</b>	Arquitetura; Património Arquitetónico; Inventário patrimonial		
<b>Relação documental</b>	<b>Tipo de relação</b>	<b>Documento relacionado</b>	
	Complementa	Rota dos Impérios do Espírito Santo na Ilha Terceira	
<b>Copyright</b>	Todos os direitos são detidos pelo IHRU, IP e IGESPAR, IP		
<b>Comunicabilidade</b>	Acesso livre em linha		
<b>Data de transmissão/publicação</b>	2012-12-13		
<b>Local/endereço de transmissão/publicação</b>	<a href="http://www.monumentos.pt">www.monumentos.pt</a> ;		
<b>Código de arquivo</b>			
<b>Historial de revisão</b>	<b>Data</b>	<b>Versão</b>	<b>Revisão</b>
	<b>Responsável</b>		

## OS IMPÉRIOS DO ESPÍRITO SANTO NA ILHA TERCEIRA

Império é a denominação do pequeno templo de tipologia única no panorama arquitetónico nacional onde, entre o domingo de Páscoa e os domingos de Pentecostes ou da Trindade, predominantemente, se venera o Espírito Santo na Ilha Terceira dos Açores. À volta dos Impérios desenvolvem-se durante vários dias as festividades do Espírito Santo, imbuídas de um ideal caritativo e compostas por um conjunto de cerimónias religiosas e profanas: a “coroação” do Imperador Menino, o desfile de cortejos e o bodo de pão e de carne. Estas constituem uma das tradições mais enraizadas na sociedade açoriana, a que estão associadas as festas populares por excelência na Ilha.

### I – O CULTO DO ESPÍRITO SANTO

As festividades do Espírito Santo realizam-se 50 dias depois do domingo de Páscoa, no calendário litúrgico católico, e culminam no domingo de Pentecostes, dia em que desceu o Espírito Santo sobre os apóstolos e discípulos de Cristo, então reunidos durante a festividade judaica da Colheita ou Festividade das Semanas. Segundo o Antigo Testamento, o Pentecostes devia ser celebrado no 50º dia contado a partir do 16 de Nisã, dia em que se oferecia o molho de cevada no Templo perante o sacerdote, correspondendo, no calendário judaico, ao dia 6 de Sivã, ocorrendo após a colheita da cevada e no começo da colheita do trigo.



O desenvolvimento do culto do Espírito Santo teve subjacentes as ideias de Joaquim de Fiore (c. 1131 – 1202), abade cisterciense, que defendeu o milenarismo e o advento da idade do Espírito Santo. Segundo a sua interpretação das Sagradas Escrituras e a revelação do segredo de Apocalipse, de São João, a história dividia-se em três idades progressivamente mais espirituais, relativas às três pessoas da Santíssima Trindade: a Primeira Idade correspondia ao governo do Deus Pai, o período do Antigo Testamento; a Segunda Idade iniciava-se com a revelação do Novo Testamento e pela fundação da Igreja de Cristo; e a Terceira Idade, corresponderia ao domínio do Espírito Santo, um tempo que viria em breve, onde o amor universal e a igualdade entre todos os cristãos seria alcançado, e na qual novas ordens religiosas renovariam a igreja decadente e purificariam a humanidade. Nesse período, qualquer plebeu seria Imperador, visto que a sabedoria divina iluminaria a todos, e todos se beneficiariam de uma “inteligência espiritual” capaz de permitir a compreensão dos mistérios divinos.

O pensamento de Joaquim de Fiore, com a sua interpretação apocalíptica e escatológica, profética e milenarista, teve notável incremento após a sua morte, sobretudo devido à ação da Ordem Franciscana, mais voltada para as necessidades das populações e das classes mais desfavorecidas, prestando-lhes apoio social e auxílio na adversidade e doença, e ao movimento franciscano espiritual. Jaime Cortesão julga até não ser excessivo crer “que a cerimónia de coroação do

imperador tenha significado aos olhos de muitos portugueses, e quando menos daqueles, frades ou leigos, iniciados na doutrina dos espirituais, a investidura simbólica da nação pelo Espírito Santo – espécie de Pentecostes nacional, na missão de propagar a fé a todo o mundo “ (Cortesão, 1979, 155 cit. em CAMPOS, p. 47).

A introdução do culto do Espírito Santo de base Joaquinista em Portugal ainda divide a historiografia. Se alguns investigadores associam o início da veneração do Paráclito (palavra de origem grega, sinónimo de intercessor e consolador e utilizada para se referir ao Espírito Santo), bem como as instituições sociais e caritativas a ela associadas, à ação da rainha D. Isabel, com a criação de uma capela e Irmandade do Espírito Santo em Alenquer, em 1296, a verdade é que existem referências documentais mais antigas a comprovar o culto em Portugal. De facto, já em 1237 se encontra documentada uma confraria do Espírito Santo em Benavente, que organizava um bode aos pobres no dia do Espírito Santo. E, sensivelmente desta época, seria também a igreja do Espírito Santo da Pedreira, em Lisboa, que tinha uma confraria do Divino Espírito Santo e, anexada, um hospital para práticas caritativas. Outros investigadores relacionam estas instituições de beneficência e caridade à Ordem franciscana ou a devotos ligados ao franciscanismo espiritual, que circulava na Europa e, necessariamente, também em Portugal. Contudo, vários autores avançam que a explicação para a introdução do culto em Portugal e, sobretudo na região de Tomar e Castelo Branco, se deve à ação da Ordem do Templo, instalada no local desde o século XII e depois à sua sucessora, a Ordem de Cristo. Num estudo das Capelas do Espírito Santo na região de Castelo Branco, verifica-se a coincidência entre as povoações que pertenciam à Ordem e as que têm culto ao Espírito Santo.

A partir do continente, o culto do Espírito Santo irradiou para um conjunto de territórios povoados pelos portugueses. Desses, interessa particularmente os Açores, já que foi ali que o culto teve um maior desenvolvimento, que dali, através dos povoadores açorianos, irradiou para o Brasil e depois para o Canadá, mas também porque foi ali que teve uma maior persistência no tempo, mantendo-se ainda hoje bem vivo e com sentido de agregação comunitária muito forte.

A sua origem no território remonta quase ao tempo do povoamento das ilhas, iniciado em 1439 pela ilha de Santa Maria, seguida da de São Miguel e da Terceira, a partir da qual se povoou as ilhas do grupo central. Apesar das especulações sobre a origem do culto do Espírito Santo nos Açores, que o ligam à proveniência dos primeiros povoadores, ou à data da implantação dos franciscanos em cada uma das ilhas, pensamos que, mais uma vez, o surgimento e a implantação do culto se deve à Ordem de Cristo.

De facto, após o povoamento, as ilhas dos Açores foram doadas por D. Afonso V ao Infante D. Henrique, na qualidade de Mestre da Ordem de Cristo, concentrando nas mãos dos donatários o poder temporal e o espiritual, doação confirmada pelo papa Nicolau V, a 8 de janeiro de 1454, por meio da Bula “*Romanus Pontifex*”. No ano seguinte, a 13 de março, o Papa Calisto III, com a Bula “*Inter caetera quae nobis*”, concede à mesma Ordem a jurisdição espiritual de todas as ilhas. Esta foi exercida pela Ordem até junho de 1514, altura em que foi criada a diocese do Funchal, pela Bula do Papa Leão X. Mais tarde, pela Bula “*Equum Reputamus*” do Papa Paulo III, dada a 3 de novembro de 1534, é criada a Diocese de Angra do Heroísmo, desmembrada da do Funchal, que passa a sua sufragânea.

A influência da Ordem de Cristo traduzia-se essencialmente na construção das capelas-mores das igrejas paroquiais, na aquisição das respetivas alfaias litúrgicas, na apresentação dos bispos, cónegos

e dignidades do cabido e outros benefícios, sendo o poder canónico-espiritual exercido pelo Dom Prior de Tomar. Mesmo depois da criação da Diocese de Angra, a Ordem continuou a proceder à apresentação das várias dignidades eclesíásticas. Simultaneamente a estas atribuições, a Ordem de Cristo propagou os ideais de Joaquim de Fiore, através das ideias milenaristas, “acreditando que estavam a gerar um Império que ligaria o Oriente ao Ocidente, que (...) seria levado a cabo pela ação conquistadora e expansionista dos portugueses” (FIGUEIREDO). Surge desde logo o culto do Espírito Santo associado a confrarias ou irmandades com carácter assistencial, e com hospitais anexos onde se pudessem tratar os enfermos e assistir os pobres.

Na ilha Terceira, o culto do Espírito Santo está documentado desde 1492, data em que já se fazia o Império e se distribuía o bodo, no dia de Pentecostes, à porta de uma capela pertencente ao hospital do Espírito Santo, fundado a 15 de maio, na Rua Direita, por João Vaz Corte Real, capitão donatário de Angra. Pelo Compromisso da Confraria, sabe-se que a festa constava da missa do Espírito Santo, “coroação” e bodo e, se algum irmão “tomar o império”, ou se oferecer para “Imperador” e não possuir meios para assegurar a despesa da festa, estes lhe seriam proporcionados pela confraria. Também nesse ano foi fundado um hospital do Espírito Santo na vila da Praia, administrado pela Câmara. Do mesmo modo, em Vila Franca do Campo, na ilha de São Miguel, se instituiu uma confraria do Espírito Santo com capela ainda em finais do século XV, mas o sismo de 22 outubro de 1522 provocou a sua destruição, sendo posteriormente reconstruída. Na ilha de Santa Maria, foi o 6º governador da ilha, Pedro Soares de Sousa, que, entre 1620 e 1632, instituiu uma capela com Irmandade do Espírito Santo, constituindo a atual igreja paroquial da freguesia.

Quando se instituem as Santas Casas da Misericórdia na ilha Terceira, primeiramente em Angra, em 1495, e depois na vila da Praia, em 1498, elas instalam-se nos templos do Espírito Santo, acabando por se tornarem as responsáveis pela organização dos bodos no dia de Pentecostes e, posteriormente, as administradoras dos seus hospitais. Processo semelhante se verificou na ilha de São Miguel, em Vila Franca do Campo e Ribeira Grande, ou na ilha de São Jorge, onde a Misericórdia da vila de Velas se instalou a 15 de abril de 1543, na Casa do Espírito Santo. Apesar desta absorção, nem sempre pacífica, as duas Irmandades coexistem, servindo-se do mesmo templo, mas demarcando áreas próprias no mesmo, criando em várias regiões igrejas de duas naves. Mas a criação de Misericórdias na Terceira e demais ilhas do arquipélago não levou ao declínio das Irmandades do Espírito Santo; muito pelo contrário, estas proliferaram por todas as freguesias e, na cidade, nos principais bairros.

A rápida proliferação do culto deve-se essencialmente ao seu forte carácter popular “e com a possibilidade de todos os elementos de uma comunidade poderem ser coroados como imperadores, criando-se uma organização horizontal, com princípios de igualdade e de comparticipação de todos os confrades, ajudando os de menos posses, sendo verdadeiras associações (FIGUEIREDO). Um outro aspeto prende-se com o fato da gestão e utilização dos Impérios ser completamente autónoma da Igreja secular. Aliás, várias repressões eclesíásticas procuravam limitar a ação dos sacerdotes nas festividades, sendo disso exemplo a determinação do provisor do bispado, o cónego João Diniz Pereira, de 1665, definindo que os “ministros eclesíásticos não assistirão à mesa dos imperadores nem irão à sua casa a dar-lhe o cetro nem tirar-lhes a coroa, sob pena de excomunhão” (cit. em LOPES, p. 43). Assim, a única função do pároco é colocar a coroa aos Imperadores ou Imperatrizes na igreja e benzer as carnes e o pão que serão utilizados nas cerimónias, constituindo a “cerimónia da coroação ... simultaneamente um meio da Igreja garantir um controle mínimo na expressividade da

religiosidade popular e a forma das populações se manterem integradas no sistema ideológico global da sociedade (CAMPOS, p. 73).

Outra razão importante para o êxito do culto ao Divino Paráclito poderá ser a caridade prestada às comunidades, maioritariamente organizadas em povoados isolados e muito ligados ao ciclo da produção agrícola. Disso dá conta a notícia de um jornal terceirense de 1886, que refere que nos dois concelhos da ilha Terceira, com exceção das quatro freguesias da cidade, 34 impérios distribuíram 110 moios de trigo de pão e as freguesias da cidade só nesse ano, ofereceram 2.790 esmolos de pão e carne e gastaram 22 moios de trigo (cit. em LOPES, p. 10).

Outra possível razão prende-se com os muitos milagres atribuídos ao Espírito Santo, sobretudo aquando dos sismos e erupções, tão frequentes nas ilhas. Por exemplo, aquando da erupção de 24 de abril de 1672 na Horta, reacendeu-se a devoção pelo Divino Paráclito, tendo a Câmara lavrado em 18 de maio um voto que levou à fundação do Império dos Nobres, em madeira e “ramada”. Quando em 1673 deflagrou uma grande epidemia na ilha de São Miguel, os nobres decidiram instituir um Império na Misericórdia de Ponta Delgada para invocação da proteção do Espírito Santo, tendo a epidemia cessado no primeiro sábado depois da Páscoa, após a saída da “folia” - cortejo encabeçado pelos “foliões”, os indivíduos encarregados de anunciar, dirigir e orientar todas as cerimónias das festas do Espírito Santo. Acredita-se até que o fogo do Espírito Santo pode apaziguar o fogo vulcânico, existindo a tradição das coroas do Espírito Santo serem levadas processionalmente até junto das lavas, para que o Divino acalmasse as iras da Natureza. As festas do Império de São Carlos originaram-se em 1761 num destes fenómenos. Quando no sítio conhecido por “Entre o Pico e a Serra” rebentou um vulcão cujos fumos densos desceram da cumeada da Serra de Santa Bárbara, a coroa do Império do Outeiro foi levada ao local e as lavas não avançaram mais para além do sítio onde depois foi construído o Império.

Se o número de irmãos das Irmandades parece estar inicialmente limitado a 13, como ocorreu na Confraria de Angra, o número de devotos foi crescendo até às centenas, havendo mesmo o hábito de inscrever os filhos logo ao nascer como irmãos do Senhor Espírito Santo, no império da freguesia ou no da sua particular devoção. Há duas espécies de irmãos: os de “Pelouro” e os de “Devoção”, consoante desejem sujeitar-se ou não a exercer os cargos de procurador, tesoureiro, escrivão, etc., inerentes à administração dos bens da Irmandade. Só existem Impérios masculinos mas no passado houve femininos, conforme se pode depreender pela proibição de D. António Vieira Leitão, 17º bispo de Angra, datada de 1697, que, sob pena de excomunhão maior e de 50 cruzados de multa, proíbe os “impérios de mulheres que se fazem sob pretexto de festejarem o Espírito Santo mas que não servem mais do que para se ofender, com eles, o mesmo Senhor, pelos “enfeitos” indecorosos e profanos que as ditas mulheres usam em tais atos pelo concurso dos homens que a eles vão, com práticas indecentes e outras enormidades de que resulta geral escândalo” (cit. em LOPES, pp. 33-34).

Todas as Irmandades do Espírito Santo deviam ser regidas por Estatuto próprio, aprovado pelo Governo Civil, conforme determinado pelo artº 29 do Decreto n.º 23, de 16 de maio de 1832, bem como pela Portaria de 31 de janeiro de 1838. Os mais antigos datam de 1868 e pertencem ao Império dos Quatro Cantos, fundado na cidade de Angra em 1810.

## II - AS FESTAS DO ESPÍRITO SANTO NOS AÇORES

As festas do Espírito Santo nos Açores possuem uma estrutura tradicional comum. No entanto, apresentam bastantes variantes entre as várias ilhas do Arquipélago e, dentro da mesma ilha, entre os vários Impérios.

O ciclo da festividade tem início na noite do último domingo dos festejos, depois da arrematação das “promessas”, cujo produto reverte a favor da festa do bodo. À porta do Império procede-se à extração dos “pelouros” - sorteio entre os irmãos para saber a quem caberá a organização das festas do Espírito Santo do ano imediato, normalmente em cumprimento de uma promessa. Uma urna contém o nome dos irmãos e a outra a data dos sete domingos em que se há de festejar o Espírito Santo, ou seja, entre a Páscoa e o domingo de Pentecostes ou, noutros casos, o domingo da Trindade.

A quem sair o número um no pelouro, ficará responsável pelos festejos na primeira semana e torna-se o guardião da coroa do Espírito Santo durante todo o ano, até ao domingo de Pascoela. Esse ou alguém da família que esteja presente, depois da festa, vai buscar a coroa ao Império e convida os parentes e amigos a acompanhá-lo. Organiza-se então o cortejo da “mudança”, que conduz a coroa até à casa desse irmão. Ali é construído um altar com um trono na dependência mais ampla, o “meio-da-casa” ou o quarto de entrada, onde se coloca a coroa, assente na salva e com o cetro atravessado; ao lado dispõe-se a bandeira. No ano seguinte, assim que acaba a Páscoa, entra-se em plena época do Espírito Santo.

Durante cada semana das festividades realizam-se as “alumiações” – veneração das insígnias do Divino na casa do Imperador -, reza-se o terço à noite no Império perante a coroa e o cetro encimados pela pomba e canta-se o “pezinho” ao imperador e àqueles que realizam ofertas ao Espírito Santo. Em alguns festejos, existem também as “cantorias”.

Na sexta-feira, os bovinos são enfeitados e realiza-se a “procissão do vitelo”. Posteriormente, sacrificam-se os animais necessários para o bodo que o Imperador oferecerá no domingo aos convidados, retalha-se a carne para a sopa, o cozido e a alcatra do jantar e para os “quintões de esmola” a distribuir pelos pobres da freguesia. No sábado faz-se a distribuição de esmolos, compostas de carne, pão e vinho, benzidas pelo padre.

No domingo de manhã realiza-se a primeira procissão, encabeçada pela bandeira do Espírito Santo. A “folia” vai buscar o Imperador Menino, representando inocência, a sua casa, com a coroa, o cetro e a salva, transportados ritualmente por jovens vestidas de branco até à igreja. À porta da igreja o pároco espera o cortejo e asperge a coroa, o Imperador e acompanhantes, dirigindo-se depois para o altar-mor, onde é colocada a coroa. Na cerimónia da “coroação” o padre toma o cetro, dá-o a beijar ao Menino e entrega-lho, e depois faz o mesmo com a coroa, colocando-a sobre a sua cabeça; asperge o Imperador, incensa-o e entoia-se o “Veni Creator Spiritus”. Muitas vezes não é o Imperador que é coroado, mas o parente mais próximo ou a pessoa que ele convida para esse fim, seja adulto ou criança. Dita a oração própria, coloca-se novamente a coroa sobre a banqueta e procede-se à celebração eucarística. Após o término desta, faz-se uma nova procissão até à casa do Imperador, onde se procede à cerimónia da “descoruação”.

É também no domingo que se realiza o bodo ou a “função”, grande banquete ritual, para o qual todos são convidados, ricos e pobres, habitantes ou forasteiros. A ementa da “função” é composta pela sopa do Espírito Santo, cozido (postas de carne de vaca, galinha, repolho e outros), alcatra, pão, armazenados nos Impérios ou nas despensas, pela massa sovada ou pelas rosquilhas e vinho. Os irmãos escolhidos para realizar o bodo designam-se de Mordomos. Quando há mais de um, designa-se de procurador o principal, que é o que leva a coroa e toma <sup>2</sup> conta do dinheiro, enquanto os outros fazem os peditórios e recebem as esmolas.



Terminado o jantar, procede-se à “mudança”, ou seja, o Imperador segue em cortejo até ao Império ou em direção à residência do Imperador da próxima semana, entregando-lhe as insígnias do culto do Paráclito. O processo é repetido nas três semanas seguintes, atingindo as festas do Espírito Santo o seu apogeu no fim de semana do domingo de Pentecostes, prolongando-se em muitos lugares até ao domingo da Trindade. Em algumas localidades, as festas estendem-se pelo verão, incluindo as “festas joaninas”, podendo ainda ser realizadas em finais de setembro ou outubro, pouco antes do “Advento”, como acontece no Império de São Carlos.

As procissões eram tradicionalmente acompanhadas pelos foliões, encarregados de anunciar, dirigir e orientar todas as cerimónias, dançando e cantando jocosamente. Hoje, na maioria dos casos, os foliões foram substituídos pelas filarmónicas, limitando-se quase exclusivamente a acompanhar as coroações e mudanças e a dirigir a “função” em casa do Imperador. Nos festejos realizam-se ainda as famosas touradas à corda, bodos de leite, distribuição de massa sovada aos irmãos, “cantorias” improvisadas, atuações das filarmónicas e de grupos folclóricos.

### III - OS IMPÉRIOS E A SUA TIPOLOGIA ARQUITETÓNICA

Os primitivos edifícios do Espírito Santo, denominados de Império em Angra ou de Treatro em São Miguel ou Santa Maria (porque aí o Império constitui a própria celebração), ou ainda “Cadafalso” em São Jorge, no Pico e no Faial, eram efémeros, desmontando-se após a festividade, tal como ainda hoje são alguns na ilha de São Miguel e os altares que se armam na casa onde se cumpre a promessa e se faz o bodo.

O Império ou Treatro era um estrado de madeira ornamentado com faias e panos, sobre o qual se armava um altar onde se expunham a coroa e a bandeira do Espírito Santo, durante os dias de festividade. À medida que as Irmandades aumentavam os seus recursos, melhoravam as estruturas, “assemelhando-se por vezes a verdadeiras capelas, embora construídas com taipais de madeira, desmontáveis, onde se implantam uma porta e duas janelas na fachada principal, a que dava acesso uma larga escadaria. Eram caiados ou pintados a tinta de óleo, sempre com cores berrantes e encimados por uma coroa. No tímpano, uma pomba branca e uma fita com os dizeres: “Glória ao Divino” (LOPES, p. 15). Fotografias antigas das festas do Espírito Santo na Praia da Vitória, possivelmente de início do século XX, documentam um tipo de Império de madeira mais simples, apenas com um vão na face frontal e nas laterais, em arco canopial.

A falta de consulta da documentação das Irmandades do Espírito Santo impede um conhecimento cabal da cronologia construtiva dos Impérios. A dificuldade de datação da construção inicial aumenta com o hábito de “mudar-se a data primitiva da fachada na ocasião da reconstrução do Império” (LOPES, p. 17). Apesar disto, parece que os primeiros Impérios a serem construídos em alvenaria de pedra datam do século XVIII. O primeiro de que se tem conhecimento refere-se ao Império dos Nobres, na Horta, construído por volta de 1759. João dos Santos de Sousa Campos considera no entanto altamente improvável que o surgimento do fenómeno arquitetónico “tenha uma origem temporal tão tardia. A avaliar pelos casos inventariados, outros exemplares terão necessariamente que os ter antecedido – única forma de atingirmos uma explicação aceitável para o grau de refinamento estilístico documentado nos casos subsistentes e (não menos importante) para a circunstância de os aspetos formais divergirem sensivelmente de ilha para ilha” (CAMPOS, p. 133). O Império ou Treatro adossado à capela quinhentista de Nossa Senhora dos Anjos, em cantaria, é o mais antigo da ilha de Santa Maria, mas desconhece-se a data exata da sua construção.

Independentemente de terem começado a ser construídos em alvenaria apenas no século XVIII ou de os remanescentes desta centúria terem substituído outros anteriores, a verdade é que a originalidade tipológica do imóvel, sem paralelo no continente, parece ter resultado “da fixação em alvenaria das características de anteriores construções provisórias e desmontáveis” (CAMPOS, p. 140).

À definição tipológica e estilística dos Impérios não serão também alheias as influências orientais e a confluência de culturas e de gentes, decorrentes da posição estratégica que a ilha Terceira adquiriu ainda no século XVI, logo em 1518, ao se tornar o local de escala regular para as naus da Índia. Depois de estabelecer a comparação entre alguns imóveis do Oriente, nomeadamente a Igreja de Santo António da Missão Portuguesa de Bengali, em Pantjora, no Bengladesh, com os impérios da Terceira, João dos Santos de Sousa Campos conclui que, quer em termos de estrutura e de formas, quer devido à profusão decorativa, quer ao uso e variedade das cores, os Impérios constituem uma “arquitetura de torna-viagem” (CAMPOS, p. 151).

Se este é um aspeto a ter em conta, não se podem esquecer ainda as correntes estilísticas prevalecentes aquando da construção da maioria dos Impérios, já que no século XIX prevalecia o ecletismo, conciliando os vários revivalismos estilísticos. Tal levou à criação de uma tipologia distinta das demais construções, reproduzida sistematicamente no século seguinte e raramente se rompeu, mesmo nos exemplares mais recentes do século XX.

Segundo o portal do Divino, existem 171 Impérios no Arquipélago dos Açores (<http://www.portaldodivino.com/>): 2 na ilha de Santa Maria, 6 na de São Miguel, 70 na da Terceira, 37 na do Faial, 20 na do Pico, 17 na de São Jorge, 12 na Graciosa, 6 na das Flores e, finalmente, 1 na ilha do Corvo. Destes, encontram-se inventariados no SIPA 80 Impérios ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)): 3 na ilha de Santa Maria, 53 na da Terceira, 5 na do Faial, 10 na do Pico, 8 na da Graciosa e 1 na ilha do Corvo. Os números gerais apontados por aquele “site” ficam um pouco aquém da realidade em algumas ilhas no entanto são fidedignos relativamente à Ilha Terceira. Porque também documenta fotograficamente a grande maioria dos Impérios, este recurso eletrónico torna-se uma peça fundamental para o estudo tipológico dos Impérios da Terceira, permitindo-nos estabelecer comparações e agrupamentos entre eles.

Segundo João dos Santos de Sousa Campos, os Impérios apresentam características distintas entre as nove ilhas, podendo ser estabelecidas quatro tipologias arquitetónicas fundamentais:

1) os Treatros de Santa Maria e São Miguel, constituindo pequenos alpendres com cobertura de telha, coroada por pomba ou coroa, sustentados por colunas ou pilares na frontaria, que é aberta, dispondo-se os de Santa Maria junto a um templo, a igreja paroquial ou uma capela, e os de São Miguel isoladamente;



3

2) os Impérios da Ilha Terceira, constituindo pequenos edifícios sobre socos, com balcão na fachada principal, acessíveis por escadas móveis ou fixas, com uma decoração mais elaborada e colorida, remate em frontão, e profusa fenestração, com três vãos na fachada principal, sendo o do meio a porta, rematada por arcos de inspiração revivalista;



4

3) os impérios-capela, com remate em frontão, mas apenas com uma porta na fachada, frequentes nas ilhas de São Jorge, Pico e Faial;

4) os impérios-casa, exclusivos das ilhas das Flores e do Corvo, semelhantes às habitações térreas correntes na ilha das Flores.

É evidente que esta tipificação não é estanque, existindo influências de cada um dos tipos nas outras ilhas, sobretudo dos modelos mais exuberantes. Por exemplo, na ilha de São Miguel existe também o império típico da Terceira ou tipo capela, mas com três arcos fechados na frontaria; o tipo Terceira aparece também na ilha da Graciosa, em São Jorge, ou no Faial, ainda que em versões mais ou menos adaptadas; nas Flores alguns impérios-casas apresentam semelhanças à fachada dos impérios-capela. No Faial, o tipo mais comum assemelha-se a uma capela, com fachada pouco maior do que o portal, no entanto também existem impérios maiores e com três vãos na frontaria, como o da Ribeirinha, ou o Império da Cruz e o da Coroa Velha, semelhantes aos de Angra.



5

Do universo dos 71 Impérios da ilha Terceira (70 apontados pelo site e 1 outro identificado por nós), encontram-se inventariados no SIPA 53 ([www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt)): 37 no concelho de Angra e 16 no de Praia da Vitória. Passemos, pois, a caracterizar mais desenvolvidamente os Impérios da Ilha Terceira, a tipologia mais rica e exuberante dos Impérios açorianos.



6

O Império considerado mais antigo e o único datado do século XVIII na ilha Terceira é o de São Pedro, construído em 1795. Ainda assim, o Império da Rua Nova, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, tem a data de 1799 inscrita na fachada principal, não se sabendo ao certo se se refere à data da instituição da Irmandade ou à construção do Império. Já o do Outeiro, na mesma freguesia, tem sobre o portal dois azulejos com a data de 1670 inscrita, aludindo à fundação da Irmandade, desconhecendo-se a data exata da construção, mas apontando-se como possível o século XIX. Segundo a tradição, também o primeiro Império de Vila Nova datava do século XVIII, mas o atualmente existente resultou duma reconstrução de 1894. Assim, com base nas datas inscritas nas fachadas e

considerando as datas mais antigas, antes da reconstrução, existem 2 Impérios do século XVIII, 35 do XIX e 34 do século XX.

Quanto às reconstruções dos Impérios, verifica-se a tendência para se reproduzir o tipo anteriormente edificado, pelo menos nos casos documentados fotograficamente, ainda que, por vezes, se altere a data da fachada. Como exemplo refira-se o Império de Santa Luzia, no concelho da Praia, construído inicialmente em frente da igreja e reconstruído noutra local em 1904; o de São Brás, cuja fotografia do princípio do século XX documenta a data de 1874 inscrita no tímpano, e atualmente surge a de 1875; ou o de São Sebastião, reconstruído 7 segundo o modelo tipológico inicial, no sítio atual, depois de 1958.



Implantam-se no meio urbano, formando frente de rua ou dispendo-se em largos, mais ou menos espaçosos, que se ocupam com os famosos “carros de toldo” ou barraquinhas durante as festas, podendo surgir isolados, adossados ou flanqueados por outras construções.



8

A pequena estrutura do Império, apenas com cerca de 30 m<sup>2</sup>, desenvolve-se predominantemente sobre soco, ficando com o acesso, realizado na fachada principal, sobrelevado, existindo apenas 5 dispostos ao nível do arruamento, 5 no concelho de Angra e 1 no de Praia da Vitória. Um número pouco significativo (10) aproveita o soco e, por vezes, o próprio declive do terreno, para criar a despensa ou espaço de arrumos inferior. Alguns Impérios que possuem o acesso ao nível da rua, como o Império do Lameirinho, têm o pavimento interior sobrelevado e precedido por escadas interiores, dando origem a dependências inferiores.

O acesso ao portal é feito por meio de escada, em 16 casos ainda amovível, que se coloca na semana que precede o domingo de Pentecostes e é removida na semana seguinte ao domingo da Trindade, ou seja, durante as duas semanas dos bodos, exceto se o Império tem uma data específica para realizar os festejos, e então a escada só é colocada na semana da festa. Atualmente, a maioria dos Impérios tem acesso por escadas de alvenaria dispostas frontalmente, de construção mais recente (55 exemplares), podendo apresentar perfil curvo ou retilíneo, com um 9 ou dois lanços opostos e patamar central.



23 Impérios são precedidos ou ladeados por balcões, protegidos com guarda de alvenaria vazada ou em ferro, existindo apenas frontal e lateralmente nos Impérios de Altares e da Ribeira do Testo. Alguns destes balcões são posteriores e só foram construídos aquando das suas respetivas reconstruções, como é o caso do de São Brás, de Santa Luzia ou o de São Sebastião. Verifica-se também que a sua incidência é maior nos Impérios mais recentes, o que parece apontar para o fato de que o balcão precedendo a fachada não fazia parte da tipologia inicial dos Impérios da Terceira.



10

A fachada principal dos Impérios é plana, existindo apenas 3 casos em que é curva: no Império da Santa Casa da Misericórdia de Angra e da Caridade, visto se implantarem de gaveto no quarteirão, e no Império da Serreta, que se apresenta ligeiramente convexa.



11

Dado o número de incidências, o tipo preferencial de remate da fachada principal é o frontão (57 exemplares), sobretudo o frontão recortado, de diferentes tipos e mais ou menos exuberantes (31). Predominantemente, são frontões sem retorno e desenvolvidos sobre platibanda. 24 Impérios terminam em frontão triangular, desenvolvida ou não sobre platibanda e, nesses casos, sem retorno, 1 em frontão curvo (Inocentes da Guarita) e 1 outro em frontão tipo pinhão (Altares).

Ainda que incluído no grupo tipológico de remate em frontão, o Império do Cantinho apresenta uma estrutura na fachada que é única no panorama dos Impérios da Terceira. O Império, com as características gerais dos da ilha, e o anexo, com porta descentrada, formam um corpo único e unificado pelo remate em frontão, o qual deverá corresponder a uma reforma do conjunto, executada em data posterior à construção 12 oitocentista do Império.



13

Outro tipo de remate dos Impérios é a empena, existindo 9 casos, de que se distinguem o da Serreta, com empena tripla, os dois da freguesia de Agualva com empena contracurva, o do Bairro Social do Lameirinho, com empena escalonada e de linhas mais modernas, e o da Boa Hora, que é truncada. 3 Impérios têm remate em espaldar desenvolvido sobre platibanda plena, realçando-se o de Figueiras de Paim, visto ter o espaldar curvo e delimitado por volutas. O remate menos comum é em platibanda plena (2 casos), destacando-se o Império do Terreiro de Terra Chã, visto o espaldar integrar um falso frontão triangular truncado.

À exceção do Império de São Mateus, em que a frontaria é rasgada por um único vão, dos Impérios da Santa Casa da Misericórdia e da Caridade, devido à adaptação ao gaveto, todos têm a frontaria rasgada por três vãos. O vão central corresponde ao portal, exceto no Império de Porto Judeu de Cima, visto ter sido adaptado a janela, talvez devido à implantação da estrada junto ao edifício, deslocando-se o portal para o vão da fachada lateral esquerda. Os vãos laterais correspondem a janelas de peitoril, com guardas de peito em ferro forjado. As variantes a este esquema surgem nos Impérios de Porto 15



14

Judeu de Baixo, em que as janelas de peitoril foram substituídas por janelas de varandim; nos Impérios de Santa Bárbara e de Vila Nova, onde se abrem três portas; e nos Impérios de Santa Luzia e de São Lázaro, onde se abrem frestas. O Império do Rosário, o único da ilha Terceira organizado em dois pisos, apresenta igualmente três vãos, mas correspondem a portas no piso inferior e a janelas de peitoril ladeando uma de varandim no piso superior.

As modinaturas dos vãos são variadas, podendo contudo ser agrupadas em seis tipos, por grau de incidência: vãos em arco polilobado (22 exemplares), em arco deprimido (17), as duas categorias predominantes, em arco apontado (8), em arco canopial (7), retilíneos (6) e em arco de volta perfeita (5). Seis Impérios apresentam outro tipo de modinaturas ou variantes dos anteriores. É o caso do Império de São Lázaro e o de Vila Nova, que são rasgados por vãos de arco contracurvo; o da Canada de Belém, que tem vãos em arco em asa de cesto; o da Boa Hora que apresenta o vão

central de volta perfeita e os laterais retos, criando motivo serliano; e o do Bairro de São Pedro, nos Biscoitos, que tem o arco central canopial e os laterais em asa de cesto. O Império do Rosário tem os vãos do primeiro piso retilíneos e os do segundo em arco de volta perfeita.

As fachadas são estruturadas e seccionadas pelas molduras ou elementos de suporte dos vãos, por pilastras ou colunas que surgem entre esses ou pelos segmentos que arrancam superiormente entre os vãos, ou então por frisos e cornijas que, de modo retilíneo ou curvo, dinamizam as fachadas, numa exuberante profusão de formas, acentuando o seu carácter revivalista. Sob as janelas laterais surgem frequentemente marcados panos de peito, planos ou relevados, criando almofadas, mais ou menos recortadas, pintadas de outras cores, ou elementos fitomórficos relevados.



16



17

A ou as fachadas laterais, quando se encontram parcial ou totalmente visíveis, rematam em platibanda plena (28 exemplares), em cornija (16 exemplares), ou apenas com a beirada simples (6 exemplares), não possuindo informação suficiente para caracterizar 16 Impérios. São cegas ou apresentam um esquema semelhante de vãos à frontaria, ainda que só com janelas, entre uma a quatro. Alguns apresentam vãos diferentes ou sem moldura, fruto de remodelações mais recentes, como acontece no Império do Arco, do Outeiro ou de Santa Luzia, em Praia da Vitória.

Em termos iconográficos e decorativos, dominam os símbolos do Espírito Santo na fachada principal, sobre o portal, no tímpano e, sobretudo a coroar o remate. Existem 50 Impérios rematados pela coroa, ela própria rematada pela pomba de asas abertas, e apenas 2 pela pomba sobre um globo. Por vezes, a coroa é extremamente estilizada, formando quase um



20



19

bloco compacto, como acontece no Império de São Pedro e no da Grotta do Medo. Existem 7 Impérios com a fachada principal coroadada por cruz mas, nesses casos, no tímpano surge a representação da pomba do Espírito Santo (Altars, Caridade, São João de Deus e Posto Santo) ou da coroa (Vila Nova), exceção feita no Império dos Marítimos e no de São Lázaro, que não têm qualquer alusão ao Divino Paráclito. Só o Império dos Inocentes da Guarita apresenta outro tipo de coroamento da frontaria – um anjo de vulto – mas, ainda assim, a pomba surge no tímpano. O Império das Figueiras de Paim tem a representação da pomba, não no remate, mas no espaldar da fachada.



18

Nos Impérios de Angra verifica-se grande profusão decorativa, revelando quase um “horror ao vazio”, sobretudo se tivermos em atenção a escala do edifício. Para além das cartelas e filacteras nas empenas e tímpanos, com inscrição alusiva ao Espírito Santo ou à



21

data da construção, e das conchas, surgem elementos vegetalistas espriados, relevados e pintados, destacando-se a decoração dos Impérios dos Biscoitos, e de São Brás e o de São Bartolomeu, talvez reproduzindo a “árvore da vida” oriental.

Todos os elementos estruturais dos Impérios, as molduras dos vãos, bem como os elementos decorativos são sublinhados a policromia, hábito açoriano para proteger as cantarias contra a erosão marítima. Contudo, os Impérios de Angra impõem-se no meio urbano pela sua paleta cromática, de cores vivas e exuberantes, variadas e habilmente conciliadas, que se renovam ou alteram ciclicamente, quase anualmente, modificando, por vezes, radicalmente a visão geral dos Impérios.



23

Uma minoria dos Impérios apresenta ainda, principalmente na frontaria ou nos socos, alegorias às festas e ao bodo, reproduzindo rosquilhas, pão, espigas e vinho. Refira-se o Império de São Mateus, o de Canada de Belém, o das Mercês, mas sobretudo os Impérios do Meio da Rua, na Ribeirinha, e o de São Sebastião. Neste último caso, aliás, a decoração



22

estende-se a quase todas as superfícies, que têm pintadas para além dos vários elementos do bodo, cestos com uvas e hortênsias.

Como expoentes máximos de Impérios profusamente decorados, podem-se referir o Império de São Bartolomeu, em decoração relevada, e o de São Sebastião, em decoração figurativa pintada. Mas há necessidade de um maior investimento no estudo das fontes fotográficas dos Impérios, para estudar a época em que surgiu este gosto pela proliferação cromática e decorativa, pois fotografias da primeira metade do século XX documentam o Império de São Sebastião, por exemplo, sem pinturas



24

na fachada. Simultaneamente, é preciso estudar a evolução do próprio programa iconográfico das pinturas, já que fotografias do Império de Porto Judeu de Cima documentam-no com uma pintura de Cristo Redentor na fachada lateral direita, temática atualmente inexistente nos Impérios.



25

Na ilha Terceira verifica-se ainda a um caso excecional em termos decorativos de fachadas - o revestimento a azulejos de padrão fitomórfico e policromo -, que surge apenas no Império de Altares e que se encontra perfeitamente integrado com a restante decoração.

Alguns Impérios têm afixado na fachada principal ou são ladeados pelo “mastro grande” ou “mastro da Aleluia” por ser colocado no sábado de Aleluia e em cujo mastro é içada nesse dia e nos outros domingos das sete semanas do Espírito Santo, a bandeira do Império, pintada com figuras alusivas ao culto do Paráclito e / ou com a inscrição “Glória ao Divino”.



26



27

No interior o Império apresenta espaço único, tendo junto à parede fundeira um altar, de forma mais ou menos piramidal, ou então um nicho rasgado com pequeno trono para exposição dos símbolos do Espírito Santo: a coroa (existem três coroas e três imperadores numa mesma coroação), assente numa salva, de prata, com quatro braços fechados por pomba, encimada por globo e outra pomba ou por uma cruz; e o cetro,

normalmente entre os braços da coroa e apoiado no coronel, terminado numa esfera, encimado por pomba com asas abertas. Alguns Impérios possuem ainda dois vãos ladeando o nicho ou o altar, de acesso ao pequeno espaço de arrumos posterior ou ao anexo inferior.

Apesar destes constituírem os principais objetos de culto ao Divino Paráclito, alguns Impérios apresentam no altar imaginária de especial devoção da Irmandade ou então ligada à tradição de ter sido a Santa Isabel a instituidora do culto. Refiram-se, a título de exemplo, o Império dos Marítimos, cujo nicho alberga a imagem da Senhora da Boa Viagem, ladeada pelas imagens de Santo António e de Santa Bárbara, em mísulas, ou o de São Sebastião e



No interior dos impérios existem ainda a bandeira do Espírito Santo e as varas. A bandeira é em damasco vermelho, com franja dourada, tendo bordada ao centro numa das faces a coroa e na outra a pomba de asas abertas e, nos cantos flores; por vezes também figuram espigas de trigo e papoilas. As varas são as insígnias dos mordomos e dos convidados que assistem às coroações e às mudanças. A pessoa que porta a bandeira nas Coroações chama-se o “alferes da bandeira” e é ele quem trincha a carne no jantar do imperador.



29

A maioria dos Impérios tem um ou até dois anexos onde se guardam os vários utensílios das festividades, ou onde se prepara e distribui o bodo. Denomina-se de despensa na Iha Terceira, enquanto em Santa Maria se designa de copeira, no Faial de copa e nas Flores de talho. Apesar de não termos dados suficientes para 29 Impérios, na Terceira a despensa pode surgir sob o Império (10 exemplares), adossada a esse (25 exemplares), a situação mais frequente, conciliando as duas situações (caso do Império da Ribeira do Teste), flanqueando o Império (3 exemplares), verificando-se no Império de Porto Judeu de Baixo e no das Mercês, na Feteira, que a despensa surge sob e flanqueando o Império. O acesso à despensa pode ser feito pelo interior do Império ou inteiramente independente. Neste último caso, merece especial destaque o Império de Porto Judeu de Baixo, já que os panos simétricos da despensa, com remate em meio frontão sobre platibanda, criam com o do Império, um ritmo de fachada clássica. Em 7 Impérios, a despensa ergue-se separadamente, mais ou menos afastada do edifício da sede de culto.



31

A sua fachada principal pode apresentar um ou dois pisos, existindo 21 e 11 exemplares respetivamente de cada. De modo geral, apresenta uma estrutura e esquema de fenestração mais simples que o Império, seguindo as características comuns da arquitetura popular. Predominantemente tem os vãos retilíneos, por vezes formando pequeno recorte, ou podem ser em arco, mas mais simples que as do Império. Quer as molduras, quer os cunhais, frisos e cornijas, surgem pintados nas cores empregues nos

Impérios.

Os exemplares conhecidos, têm a fachada rematada em cornija (16 exemplares), em platibanda plena (8 exemplares) ou em beirada simples ou dupla (7 exemplares). No próprio pano da fachada, no remate ou na guarda das janelas pode surgir iconografia alusiva ao Espírito Santo e / ou ao bodo,

semelhante à existente nos Impérios, relevada e pintada ou num painel de azulejos (despensa do Império de Altares, Aqualva, Quatro Cantos, Caminho do Concelho, nos Biscoitos, ou a segunda despensa do Império de São Bartolomeu).



Das inventariadas no SIPA destacamos a despensa do Império das Lajes, com a frontaria dinamizada e enriquecida a cantaria, com pontas de diamante em alguns nembos, de silharia fendida e, sob as janelas, apainelados com frontões curvos ou triangulares, sublinhados por frisos e outros motivos brancos.

32

## ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS

- 1 – Nicho do Império do Espírito Santo de Santa Bárbara, Vila do Porto (Ilha de Santa Maria) [PT072107020019](#)
- 2 – Interior da copeira do Império do Espírito Santo dos Milagres, Vila do Porto (Ilha de Santa Maria) [PT072107040018](#)
- 3 – Império do Espírito Santo dos Anjos, Vila do Porto (Ilha de Santa Maria) [PT072107050005](#)
- 4 – Império do Espírito Santo de São João / Império da Companhia de Baixo, Lajes do Pico (Ilha do Pico) [PT072004050021](#)
- 5 – Império do Espírito Santo de Santa Cruz das Ribeiras, Lajes do Pico (Ilha do Pico) [PT072004040019](#)
- 6 – Império do Espírito Santo da Rua de Cima de São Pedro, Angra do Heroísmo [PT071901140102](#)
- 7 – Império do Espírito Santo de São Sebastião antes da reconstrução de 1958, Angra do Heroísmo [PT071901150103](#)
- 8 – Império do Espírito Santo da Ponta Nova da Parada, Angra do Heroísmo [PT071901030078](#)
- 9 – Império do Espírito Santo da Rua de Baixo de Santa Luzia, Angra do Heroísmo [PT071901100093](#)
- 10 – Império do Espírito Santo da Serreta, Angra do Heroísmo [PT071901170104](#)
- 11 – Remate do Império do Espírito Santo da Rua de Baixo de São Pedro, Angra do Heroísmo [PT071901140101](#)
- 12 – Império do Espírito Santo do Cantinho, Angra do Heroísmo [PT071901130098](#)
- 13 – Império do Espírito Santo do Outeiro de Aqualva, Praia da Vitória [PT071905010020](#)
- 14 – Império do Espírito Santo do Terreiro, São Mateus da Calheta, Angra do Heroísmo [PT071901130099](#)
- 15 – Vãos do Espírito Santo do Império do Meio da Rua, Angra do Heroísmo [PT071901080088](#)
- 16 – Império do Espírito Santo das Figueiras de Paim / Império da Caridade, Praia da Vitória [PT071905080030](#)
- 17 – Império do Espírito Santo de São Bartolomeu, Angra do Heroísmo [PT071901110095](#)
- 18 – Remate do Império do Espírito Santo de Altares, Angra do Heroísmo [PT071901010075](#)
- 19 – Remate do Império do Espírito Santo das Quatro Ribeiras, Angra do Heroísmo [PT071905070029](#)
- 20 – Império do Espírito Santo das Mercês, Angra do Heroísmo [PT071901030077](#)
- 21 – Decoração do tímpano do Império do Espírito Santo de São Bartolomeu, Angra do Heroísmo [PT071901110095](#)
- 22 – Decoração alusiva ao bodo no Império do Espírito Santo de São Sebastião, Angra do Heroísmo [PT071901150103](#)
- 23 – Império do Espírito Santo de São Sebastião, Angra do Heroísmo [PT071901150103](#)

- 24 – Império do Espírito Santo de São Bartolomeu, Angra do Heroísmo [PT071901110095](#)
- 25 – Império do Espírito Santo de Altares, Angra do Heroísmo [PT071901010075](#)
- 26 – Império do Espírito Santo do Porto Judeu de Baixo, Angra do Heroísmo [PT071901060086](#)
- 27 – Altar do Império do Espírito Santo do Outeiro da Agualva, Praia da Vitória [PT071905010020](#)
- 28 – Nicho com imaginária no Império do Espírito Santo dos Marítimos, Praia da Vitória [PT071905080031](#)
- 29 – Bandeiras do Império do Espírito Santo de São Sebastião, Angra do Heroísmo [PT071901150103](#)
- 30 – Despensa do Império do Espírito Santo de Porto Judeu de Cima, Angra do Heroísmo [PT071901060087](#)
- 31 – Despensa do Império do Espírito Santo do Raminho, Angra do Heroísmo [PT071901070056](#)
- 32 – Despensa do Império do Espírito Santo das Lajes, Praia da Vitória [PT071905060028](#)

## BIBLIOGRAFIA

Atas do II Colóquio Internacional de Simbologia. Os impérios do Espírito Santo na simbólica do Império. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1985.

CAMPOS, João dos Santos de Sousa - Para uma explicação da arquitectura dos Impérios do Espírito Santo. Porto: s.n., 2002. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais, apresentada à Universidade Aberta, texto policopiado.

LOPES, Tenente-coronel Frederico - Memória sobre as Festas do Espírito Santo na ilha Terceira dos Açores. Separata do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira. Angra do Heroísmo: Tipografia Andrade, vol. 15, s.d..

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira - Praia Fotomemória do seu concelho. s.l.: Câmara Municipal da Praia da Vitória, 1989.

TOSTÕES, Ana, CALDAS, João Vieira - Arquitectura Popular dos Açores. s.l.: Ordem dos Arquitectos, 2000.

Paula Figueiredo, As Capelas do Espírito Santo no Distrito de Castelo Branco ([http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPARoute.aspx?id=969e47cb-87c1-42ae-9815-f5ff83ef7469](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPARoute.aspx?id=969e47cb-87c1-42ae-9815-f5ff83ef7469)), [consultado em 7-10-2012].

Paulo Alexandre Loução, o Culto do Espírito Santo nos Açores, ([http://www.nova-acropole.pt/a\\_espíritosanto-aco.html](http://www.nova-acropole.pt/a_espíritosanto-aco.html)), [consultado em 6-10-2012].

(<http://www.portaldodivino.com/>), [consultado em 7-10-2012].